

reformatar”.- era dito de uma forma muito contundente pelo nosso imaginário escritor-poeta-viajante Duarte Nunes.

“Ser um homem culto: poder surpreender a artificialidade do mundo... cultivar a consciência histórica e crítica e comprometer-se na continuidade da porção humana”

“Certos aspectos dos sons têm uma alma-alada e de essência muito rápida, mas susceptível de muita psicologia e tantíssima sociologia”

Havia como espaço simbólico um amplo quarto. Era o seu território interior, de certas coordenadas muito laberínticas. E havia lá de forma enrevesada e muito simbólica, um branco telescópio reflector junto à janela, apontando imaginariamente ao sideral e colossal céu, no amplo quarto del escritor-poeta-viajante Duarte Nunes, porque lhe intrigava muito as imperceptíveis maravilhas do Universo fundamentalmente, às múltiplas nebulosas, sempre tão espectaculares, sempre tão cheias de muito colorido e que vagavam num gigante e surpreendedor “*carrussel cósmico*”, noutras fases e dimensões e que se denominavam nebulosas planetárias, porque eram, perante tudo, uma espécie de casca brilhante e muito colorida, formadas de gás e de pó... rodeando a uma estrela qualquer, na sua última fase de vida. E eram renomeadas com infinitos nomes: cabeça de cavalo, de pelicano, de coração del cirio, de esquimal, da roseta, dos anéis, do olho de gato, da águia, da laguna, da bolha, da gamba, do canguereijo.. mas havia de certeza muitíssimas mais (...) e que além disto, produziam estranhas fontes de água na espiral vía láctea, porque eram, perante tudo, máseres de água, cuja velocidade era de até 250km por segundo, arrojando nuvens de água, que nos permitíam por ecemplo viajar desde Sidney até Londres, em menos de um minuto. Ali estava o escritor-poeta-viajante *Duarte Nunes*,

mergulhado na sua intriga cósmica, sob um multiverso, em constante expansão, que era fruto da misteriosa matéria escura... porque ao escritor-poeta-viajante Duarte Nunes, lhe custava muito em pensar em fontes de água, existentes no espaço sideral e cujo elemento líquido discorria a uma velocidade superior aos 200.000 km, por segundo... eram imperceptíveis para o próprio olho humano. Contudo, pensava ele, que essa hipótese era possível. O termo **Máser** se tinha originado como um acrónimo de amplificação de micro-ondas, por emissão estimulada de radiação que funcionava de um modo similar a um laser, salvo que emitiam micro-ondas, em vez de luz visível e eram causados por estrelas moribundas, com uma grande massa ou regiões de formação de estrelas, cujas moléculas de água absorviam a própria energia do seu próprio ambiente e a remetiam em forma de radiação, no imperceptível nível de frequências de micro-ondas ; Como lhe gostava ao nosso escritor-poeta-viajante, de poder criar supositórias atalaias astronómicas... revolvendo todo o espaço-tempo, numa amplificação muito flexível;

E de repente, já imaginava um caleidoscópio formado de triângulos, quadrados, octoedros... e a quinta dimensão, onde estavam todas as peças básicas da geometria, no qual, só poderiam definir algebricamente, a uns 500 milhões de formas, em 4 dimensões e se esperava a ser identificadas vários milhares de formas indivisíveis. Sabia ele muito bem, que haveria que gerar, uma nova teoria química das formas, porque a complexidade (multi)dimensional de muitas destas formas, não era completamente visível, embora a teoria de cordas, estabelecia que pudesse haver muitas mais.

E onde, mui metafóricamente, perante o grande teatro do mundo terráqueo, inspirando-lhe, a inexorável ideia de “*tempus fugit*”, onde tudo fluía, todos os átomos, todas as células, toda a vida, toda a história, toda a economia e todos os sonhos e onde nada

era o mesmo um segundo depois, numa Europa em completa situação de emergência e muita confusão, onde muitos países se enfrentavam a uma perspectiva de dolorosa e esgotadora deflação. Talvez a única solução seria a criação de uma Europa mais consequentemente integrada, havendo de ser necessário a implantação concreta de cessões claras de soberania fiscal, por parte de todos os estados europeus, pelo menos, dos que compartilhavam o *EURO*, como a única alternativa positiva, não só à actual crise, mas sim às exigências que estabelecia toda a vertiginosa dinâmica, impulsada pela globalização mundial. E abandonando, durante algum tempo, de maneira consciente, a esse simbólico rio de Heráclito “que veríamos por debaixo dessa imaginária ponte?”. Talvez, muitíssima água turbulenta, inundando e não deixando de inundar, a muitas e fantasmagóricas “*taças de ouro*” que rodavam quase sempre submergidas, na incessante perturbação dos quantiosos remoinhos de uma água com demasiado lodo, que o imaginário rio da cadência vital das diversas sociedades humanas, levava no seu incessante curso, através do leito da história. Era de verdade, a metáfora do inexorável rio infinito. E havia já um tremendo sofrimento, que era causado pela cansina austeridade, no qual, o fracasso do Euro representaria um golpe possivelmente irreversível, para todas as “esperanças” postas numa verdadeira federação europeia. Um sonho utópico, num mundo onde o digital já valia mais que o físico. Era já, mui volátilmente, um mundo demasiado cibernético. Um mundo totalmente cableado ou conectado por sinais que se deslizavam por via satélite. Em suma, já acontecia um mundo muito complexo, a antecâmara de uma contínua e pesada incerteza. Havia, desta vez, uma proeminente crise sistémica, que era como se fosse um furacão, alcançando por todos os costados, a todos os países da Terra.

E era aquela noite... uma infinita noite de lua cheia do mês de Março. Remarcada com um belo plenilúnio, porque a lua cheia

se via engrandecida pelo facto da sua trajectória eclíptica estar situada no perigeu (...) prosseguíam essas indescifráveis festas principais dessa incógnita, noctívaga e muito iluminada cidade. Sempre ela tão misteriosa. Sempre ela tão Indefinida. E havia toda uma grande panoplia de imponentes castelos de fogos artificiais, em sucessivas vagas, carregados de estrondoso frenetismo, rompendos-se, no céu nocturno, em incessantes rondas de cor, de luz e de muito ruído. Já se ia vendo, mui paulatinamente, ao actor principal, que era sem dúvida alguma o solitário e modesto escritor-poeta-viajante Duarte Nunes, passando sempre inadvertido, sempre metido nas suas frias masmorras, vivendo a vida, sem amor, sem afecto. Uma fundador da alma, experimentava ele. Inexplicável angústia. Más recordações que não morriam. E andava ele sem rumbo certo, protegido por uns escuros óculos de pasta, com vidros defumados, de uma estética retro, que lhe dava um certo ar misterioso. E lá ia ele sempre de forma muito anónima, imbuido do seu mundo de sonho e de dilacerante melancolia, onde somente tinha como contacto balsâmico permanente, à mui grata companhia do seu fiel cão, chamado *Oscar*.

Já dizia o escritor-poeta-viajante *Duarte Nunes*, para seus adentros demasiado sensíveis, num imperceptível monólogo de índole muito atmosférica:

“ à luz branca e trémula da deusa Selene, me abro docemente ao seu resplendor e deixo que penetre no meu coração, infundindo-me e purificando-me das minhas ofuscações, para despertar a minha natureza mais profunda e poder conectar com a essência mais pura, mais vácuca e radiante do meu ser mais genuíno , desejando, empurrando com força, nas minhas próprias vísceras e submetendo à quietude existencial de que tanto suspiro e me é fugitiva” E continuava a caminhar ele, ruminando, ao mesmo tiempo, por espaços imaginários, catapultado num teatro íntimo